

AS TRAJETÓRIAS DE MUDANÇA DOS VOCÁBULOS *õASSIM* E *õTIPO*

Trajectories of change of *õassim* and *õtipo*

Eliana Crispim França Luquetti¹

Karine Lôbo Castelano²

RESUMO: Pretendemos desenvolver uma análise dos usos dos vocábulos *assim* e *tipo* com base nos princípios que compõem o paradigma de gramaticalização, procurando traçar trajetórias de mudança que caracterizem seus usos. Baseamos nossas análises referentes ao português atual nos *corpora* do Grupo Discurso & Gramática e do Grupo Linguagem e Educação. Para a análise dos dados sob uma perspectiva funcional, selecionamos os seguintes usos dos vocábulos em estudo: dêiticos, provenientes de catafóricos, provenientes de anafóricos e preenchedores de pausa. Além disso, explicitamos os usos desses vocábulos com seus respectivos exemplos prototípicos num levantamento preliminar, que pretendemos avançar mais adiante na pesquisa.

Palavras-chave: perspectiva funcional; gramaticalização; trajetórias de mudança.

ABSTRACT: We intend to develop an analysis of the uses of the words *õassim* (so) and *õtipo* (kind) and based on the principles that make up the paradigm of grammaticalization, trying to trace trajectories of change that characterize their uses. We base our analysis regarding the *corpora* Speech & Grammar and Language and Education. For the analysis of data from a functional perspective, the following uses of selected words under study: deictic, from cataphoric, from anaphoric and fillers of pause. Moreover, we underline the uses of these words with their prototypical examples in preliminary survey, which we intend to advance further in research.

Keywords: functional perspective; grammaticalization; trajectories of change.

INTRODUÇÃO

Nosso objetivo aqui é desenvolver uma análise dos usos dos vocábulos *assim* e *tipo* com base nos princípios que compõem o paradigma de gramaticalização, procurando traçar trajetórias de mudança que caracterizem seus usos.

¹ Doutora em Linguística (UFRJ). Professora Associada da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), CCH, Laboratório de Estudo da Educação e Linguagem (LEEL). RJ, Brasil. elinaff@gmail.com

² Mestranda em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). RJ, Brasil. kcastelano@yahoo.com.br

Baseamos nossas análises referentes ao português atual nos *corpora* da língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro (Grupo Discurso & Gramática) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e da língua falada e escrita na região norte-noroeste fluminense (Grupo Linguagem e Educação), da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), constituídos de um conjunto de entrevistas faladas e escritas, concedidas por falantes da classe de alfabetização infantil e adulto, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior, apresentando os seguintes tipos de discurso: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião. Neste estudo, optou-se em trabalhar apenas com os textos orais.

Os vocábulos *assim* e *tipo* têm intrigado bastante os pesquisadores preocupados com o estudo dos marcadores discursivos. Isso ocorre em virtude da variabilidade e complexidade de suas funções. Não temos a pretensão de esgotar o assunto, mas acreditamos poder, com nossas descobertas, contribuir para uma melhor compreensão do comportamento desses elementos linguísticos.

Tentaremos demonstrar que os vocábulos *assim* e *tipo*, de origem dêitica, seguem as tendências de mudança típicas do processo de gramaticalização, apresentam a trajetória de Heine *et alii* (1991) *espaço* > *tempo* > *texto*, além de manifestarem um processo de discursivização, que os levam a funcionar como marcadores discursivos. Desse modo, os vocábulos em estudo podem especializar-se em funções de cunho gramatical e discursivo.

1. A NATUREZA DA MUDANÇA

Desde o século passado, tem-se tentado entender a natureza da mudança que envolve o surgimento de elementos gramaticais a partir do léxico. Na década de 1990, essa tendência se ampliou com os trabalhos de linguistas como Traugott, Hopper, Heine, Lehmann, entre outros. Aceita-se, hoje, que há uma regularidade translinguística envolvendo a mudança semântica em termos unidirecionais: decategorização, perda de liberdade sintática, subjetivização, redução fonológica e trajetórias do tipo + concreto > - concreto e léxico > gramática, assim como o fato de que essa mudança se dá por mecanismos de base metafórica e metonímica.

Temos notado, em análises referentes a operadores argumentativos, que há uma certa regularidade no processo de mudança que envolve esses vocábulos. Seu ponto de partida

quase invariavelmente se identifica com advérbios, que vão passando sucessivamente a apresentar essa nova função de caráter gramatical. Já no que diz respeito ao surgimento de marcadores discursivos, a regularidade não é tão sensível. É extremamente difícil não apenas caracterizar suas funções, mas, sobretudo, relacioná-las em trajetórias lineares de mudança e isso ocorre basicamente por três motivos:

- a) Os marcadores apresentam funções relacionadas, por um lado, a estratégias voltadas para a viabilização do processamento da fala no contexto de improviso que caracteriza essa modalidade de comunicação e, por outro, à indicação para o ouvinte dessas estratégias. Suas funções, portanto, têm caráter pragmático-discursivo, sendo mais abstratas e mais difíceis de se caracterizarem estruturalmente;
- b) Suas funções parecem se sobrepor e se confundir entre si, ou seja, uma mesma ocorrência de um marcador pode desempenhar mais de uma das funções que lhes são peculiares. Tem-se a impressão de que as funções dos marcadores são, na realidade, manifestações diferentes de uma mesma função discursiva básica, ligada à viabilização da comunicação, em níveis linguísticos diferentes: um mesmo marcador pode, ao mesmo tempo, apresentar, por exemplo, uma subfunção no nível sintático e outra no nível textual; e
- c) Muitas vezes parece ocorrer mútua influência entre os usos, de tal modo que mais de um uso podem influenciar a existência de outro, ou seja, pode haver pressões metonímicas e analógicas, provenientes de várias direções, incentivando a mudança. Isso dificulta, sobretudo, a indicação de trajetórias de mudanças lineares.

No caso do *assim* e do *tipo*, a análise se torna ainda mais complicada. Isso porque, por um lado, esses vocábulos apresentam trajetórias de mudança que os levam a assumir funções gramaticais e discursivas; e, por outro, sua natureza dêitica, que os levam a referir-se a dados de natureza diversa, ocorrendo, inclusive explicitar conceitos difíceis de serem expressos em poucas palavras.

Notamos, entretanto, que há uma clara tendência de esses marcadores discursivos constituírem expressões formadas de elementos lexicais que perderam seu valor referencial original para assumirem funções pragmático-discursivas e que apenas determinados tipos de elementos lexicais em contextos discursivos específicos podem passar a assumir essas novas funções. Percebemos que a cada novo uso há uma tendência para o aumento de função pragmática, assim como para a subjetivização, a decategorização, e a redução fonológica.

Com base nessas regularidades, acreditamos que os usos dos marcadores discursivos (entre eles, o *assim* e o *tipo*) são consequentes de processos sucessivos de mudança e nossa análise consiste em tentar detectar esses processos.

2. USOS DE ASSIM E TIPO: O PONTO DE PARTIDA

Como é comum em elementos dessa categoria, o primeiro passo na direção de uma mudança por gramaticalização/discursivização de *assim* é seu uso dêitico. Em Coutinho (1976), vimos que esse vocábulo provém do latim *ad sic*, sendo esse elemento *sic(e)*, segundo Ernout e Meillet (1959), constituído pela partícula *ce*, muito comum nas línguas itálicas, que também está presente em pronomes demonstrativos, como *hic(e)* (este) e *illic(e)* (aquele), assim como em advérbios tirados de temas demonstrativos, como *tunc(e)* (então) e *nunc(e)* (agora).

Segundo Machado (1956 *apud* LIMA-HERNANDES, 2011), a palavra *tipo* tem sua origem nos contatos entre os povos latinos e os povos oriundos da Grécia. Apesar de *tipo* ter etimologia grega, há consenso entre os estudiosos de que essa palavra entrou para o idioma português por meio do latim *ó tytu* *ó* no século XVII. Com as novas necessidades na sociedade da época, o serviço de reprodução de obras pelos copistas passa a ser constante, daí o aumento de recorrência da palavra *tipo* com a aceção de *õ*letra de forma, de imprimirö.

Em virtude da natureza dos *corpora* supracitados, ambos desprovidos de dados visuais, encontramos apenas dois exemplos que achamos possível classificar como dêiticos gestuais prototípicos: um caso em que o *assim* aparece imediatamente seguido de *ó* (= olha) e um caso onde o *tipo* encontra-se precedido da expressão *õ*agora como eu tô falandoö. Houve outros casos que em princípio nos pareceram dêiticos, mas, por falta de maiores evidências da existência de gestos, decidimos classificá-los como ambíguos. Eis um dos dois exemplos:

(1) Entrevistador: como é que você anda de bicicleta?

Informante: eu ando só dando cavalinho de pau...

E: mas como é que você faz para andar de bicicleta?

I: pedalo...

E: não... mas o quê? Como é que você faz?

I: eu pedalo *assim*... ó... (Discurso & Gramática, Relato de procedimento, Fábio, masculino, 8 anos, Ensino Fundamental).

Se admitirmos que, ao proferir essa frase, o informante faz algum gesto que indique a ação de pedalar, como sugere o verbo olhar (ó), que vem logo em seguida, podemos concluir que o *assim* faz alusão a esse gesto. Abaixo temos outro exemplo do uso dêitico:

(2) I: bom minha opinião sobre a conversação a fala daqui de Itaperuna... é:: eu... eu já mim adap/mim adaptei porque... ou minha origem é é da zona rural mas... eu acho que eu acabo falando como o pessoal daqui mesmo... às vezes a gente conseguiu até::... pega alguma coisa de de tá falando *tipo* agora como eu tô falando é:: meio mineiro sei lá essa coisa meio puxada... meio de interior mesmo a gente não conseguiu fugir mesmo as raízes... (Linguagem e Educação, Relato de opinião, Marcela, feminino, 22 anos, Ensino superior incompleto).

Neste caso, ao dizer *õtipo* agora como eu tô falandoö, o informante faz algum gesto que indique que é ele quem está falando naquele exato momento daquele determinado jeito (õmeio mineiroö). Trata-se do que chamamos *uso gestual*, ou seja, uso que faz referência a gestos ou, de um modo geral, fatos do mundo extralinguístico que só podem ser inferidos com auxílio de algum artifício visual.

3. O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO

Gramaticalização consiste em um processo de mudança semântica que leva vocábulos lexicais e construções a assumirem progressivamente funções de caráter gramatical. No caso dos vocábulos *assim* e *tipo*, tem-se uma trajetória comum a esses elementos: *dêitico* > *operador argumentativo*. Acreditamos que são consequentes basicamente dos usos metatextuais (proveniente de dêiticos) os seus usos mais gramaticalizados.

Como todo elemento dêitico, os elementos em estudo passam a assumir uma função metatextual, na medida em que faz alusão a dados do texto já mencionados (anáfora) ou por mencionar (catáfora). Partimos, com Heine *et alii* (1991, p. 179), da hipótese de que os usos anafórico e catafórico são consequentes de uma metáfora *espaço* > *discurso*, que constitui uma espécie de primeiro passo na direção de funções de caráter ainda mais gramaticalizados.

Esse uso metatextual, que já ocorria no português arcaico, como se pode constatar em Martelotta, Nascimento e Costa (1996), chegou até os dias de hoje:

(3) I: bem... eu acho que algumas pessoas costumam pronunciar o né... e outras pronúncias assim mais ou menos desse *tipo*... às vezes assim é meio assim caipira no meu ponto de vista... (Linguagem e Educação, Relato de opinião, Marilene, feminino, 42 anos, Ensino Médio).

(4) I: (...) liguei... aí eu ãoi... Carlos... aqui é a Mônica... tudo bem?ö aí ele virou pra mim e falou *assim* ãnão... tudo malö... (Discurso & Gramática, Narrativa de experiência pessoal, Mônica, feminino, 23 anos, Ensino Superior incompleto).

No exemplo (3), tem-se o *tipo* anafórico, pois o vocábulo faz alusão ao ãnéö, mencionado anteriormente. No exemplo (4), o *assim* tem valor catafórico, pois alude ao que vai ser dito posteriormente em estilo direto. Consideramos esse uso o primeiro passo na direção de um processo de gramaticalização, que vai gerar novos usos do vocábulo *assim*, alguns se mantendo até os dias de hoje, outros, não.

3.1. Usos provenientes de catafóricos

Como já foi mencionado, os usos gramaticalizados possuem origem metatextual. Vejamos os de base catafórica.

Um dos usos provenientes do valor catafórico de *assim* pode ser encontrado em ocorrências desse vocábulo em contextos comparativos. Nesse novo uso, o *assim* se torna mais fixo, pois obrigatoriamente precede o elemento *como*, tornando-se membro de uma locução conjuntiva:

(5) I: (...) eu acho que os dois são/um é tão igual quanto o outro... entendeu? um não é mais importante do que o outro... muitas coisas que a mulher sabe fazer muito bem... e... outras que ela não sabe fazer... *assim como* o homem... tem muitas coisas que não sabe fazer... e isso troca... entendeu? (Discurso & Gramática, Relato de opinião, Yuri, masculino, 18 anos, Ensino Médio).

Partimos da hipótese de que esse uso é proveniente de *assim* catafórico por reanálise: *assim: como* o homem > *assim como* o homem. Os dois exemplos abaixo, que apresentam uma pausa que separa os dois elementos da construção, podem servir como argumento a favor dessa análise:

(6) I: Ah... eu penso que essa escola é boa... mas só tem algumas coisas ruins... também... *assim...* como os pichadores que picham... aqui a escola... (Discurso & Gramática, Relato de opinião, Rafael, masculino, 10 anos, Ensino Fundamental).

(7) E: ataque epilético?

I: é... *tipo...* ataque epilético... meio... duença...

E: e... levaram as meninas para o hospital?

I: sim/mas não nada grave... (Linguagem e Educação, Narrativa de experiência recontada, Weslen, masculino, 15 anos, Ensino Fundamental).

Nos dois exemplos acima, há uma pausa depois do *assim* (indicada por reticências) e o elemento preenchedor de pausa *é* precedido do vocábulo *tipo*, que parecem indicar insegurança do falante em relação à expressão adequada de seus pensamentos. Esse é o contexto que gera, por gramaticalização, a construção comparativa.

3.2. Usos provenientes de anafóricos

Quando um elemento faz referência a um vocábulo previamente explicitado no texto, seu uso é categorizado como anafórico e evidencia o início do processo de gramaticalização. Nos segmentos abaixo há exemplos desse uso:

(8) I: (...) Como estudávamos na parte da tarde, ela sempre chegava com sono e dormia na aula; ao chegar em casa, assistia desenhos na televisão e, na parte da manhã fazia as obrigações de casa e assistia televisão. Foi *assim* o ano todo. (Linguagem e Educação, Narrativa recontada, Alike, feminino, 20 anos, Ensino Superior incompleto).

(9) I: (...) No local onde trabalho, a minha colega de serviço pediu-me para ajudá-la a consertar a alça do *sutien* (que era de silicone), então ela pediu que eu ajudasse-a a grampear a alça. *Assim* ela poderia ficar tranquila até na hora de ir embora, assim ela fez. Embora o grampo estava irritando-a um pouco. (Linguagem e Educação, Narrativa recontada, Simone, feminino, 22 anos, Ensino Superior incompleto).

(10) I: eu acho que tipo assim... plural ((risos)) não fala nada... igual quando eu tô em casa... mãe... eu tenho que lavar os prato agora... tipo assim... plural... a gente quase não fala... né... coisas desse *tipo*... né... esse muito... né... gostou disso né... é legal... né... né é meio do mineiro eu acho... ((risos)) (Linguagem e Educação, Relato de opinião, Carolina, feminino, 20 anos, Ensino Superior incompleto).

No exemplo (8), a informante usou o *assim* a fim de evitar a repetição do que foi dito anteriormente. Em (9), tem-se um exemplo do *assim* com valor conclusivo, ao mesmo tempo que faz referência às informações já mencionadas. Já em (10), a informante empregou o vocábulo *tipo* para não ter que repetir o que havia falado anteriormente.

Como vimos, os vocábulos *assim* e *tipo* com valor anafórico, em contextos específicos, podem fazer dos dados anteriormente mencionados a causa do que vai ser dito em seguida.

4. O PROCESSO DE DISCURSIVIZAÇÃO

Estamos chamando de discursivização o processo de mudança semântica que leva determinados elementos lexicais a assumirem funções voltadas predominantemente para o processamento do discurso. Neste caso, tem-se uma trajetória comum a esses vocábulos: *dêitico* > (*metatextual*) > *marcador discursivo*. Como afirma Bagno (2011), há um claro indício de parentesco entre os vocábulos *assim* e *tipo*, quando esses dois advérbios são falados em sequência.

Os marcadores *assim* e *tipo* *assim*, como ocorre com os marcadores discursivos em geral, assumem a função básica de viabilizar o discurso no ato improvisado da comunicação falada. Por meio deles, o falante marca para o ouvinte: a omissão de informações transmitidas, a insegurança ou não comprometimento do falante em relação às informações

transmitidas, as pós-reflexões e reformulações consequentes do improviso da fala, a permanência do turno da fala, com o preenchimento das pausas consequentes dessas reformulações, entre outros.

4.1. Preenchedores de pausa

Os marcadores discursivos podem ocorrer em contextos de hesitação e de reformulação, que, por um lado, modalizam a informação, marcando insegurança do falante e, por outro, funcionam artifícios para viabilizar o processamento do discurso. Em alguns contextos, essas hesitações chegam a um ponto tal que o falante necessita de uma pausa para encontrar os termos que melhor expressem as informações que quer transmitir.

Utilizando um termo de Silva e Macedo (1996), estamos chamando de preenchedores de pausa esses marcadores que preenchem vazios causados pela perda da linha de raciocínio, facilitando a produção do falante, e, ao mesmo tempo, indicam para o ouvinte a manutenção do turno da fala. O exemplo abaixo ilustra esse uso:

(11) I: (...) então eu acho que tudo é economia... tudo é dinheiro... a gente não pode atingi/ falar sobre o problema social se a gente não/ ãah o país tem/ os velhos estão morrendo... *assim... assim...* estão morrendo por quê? muitos deles ficam em fila de aposentado... por que fila de aposentado?... (Discurso & Gramática, Relato de opinião, André, masculino, 24 anos, Ensino Superior).

A ocorrência e a recorrência do marcador *assim* preenchem o vazio informativo causado pela interrupção do fluxo das informações, que provavelmente é causada pela insegurança na busca de palavras adequadas, como se pode ver neste outro exemplo:

(12) I: (...) você vê aí... você lê em jornal... toneladas de comida estragam... pô... cheio de pessoas passando fome... entendeu? é a própria ((pigarro)) sistema... *assim...* como é que eu posso falar? sistema de segurança... é tudo falho... (Discurso & Gramática, Relato de opinião, Jorge Luís, masculino, 26 anos, Ensino Superior).

Nesse caso, o marcador *assim* está seguido da pergunta *como é que eu posso falar?*, que, associada ao pigarro e à falta de concordância entre *própria* e *sistema*, evidencia a perda do fluxo informativo.

Abaixo temos um exemplo prototípico da expressão *tipo assim* sendo utilizada com a função de preencher uma pausa:

(8) I: pra falá a vedade eu não gosto daqui não... que... *tipo assim*... não tem nada pra você fazê à noite... por exemplo... casa de festa tem pouca casa de festa... não tem uma pracinha maneira... (...) (Linguagem e Educação, Relato de opinião, Edivaldo, masculino, 17 anos, Ensino Fundamental).

Esse uso tem como particularidade o fato do informante ter tempo para a organização do pensamento no momento da fala para justificar o fato dele falar que não gosta da sua cidade.

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...

Os usos de *assim* e *tipo* podem ser explicados pelos processos de gramaticalização e discursivização, que demonstram regularidades na passagem de um uso para outro. Os usos gramaticalizados desempenham funções mais voltadas para a organização lógica das cláusulas. Já os usos discursivizados, assumem funções voltadas predominantemente para o processamento do discurso, como elucidamos com um exemplo prototípico da expressão *tipo assim* sendo utilizado como preenchedor de pausa.

Para a análise dos dados sob uma perspectiva funcional, selecionamos os seguintes usos dos vocábulos em estudo: dêiticos, provenientes de catafóricos, provenientes de anafóricos e preenchedores de pausa. Além disso, explicitamos os usos desses vocábulos com seus respectivos exemplos prototípicos num levantamento preliminar, que pretendemos avançar mais adiante na pesquisa.

Dessa forma, inicialmente, levamos em consideração o contexto de realização desses vocábulos, como também sua proximidade com determinadas categorias gramaticais, bem como sua noção semântica no contexto. Portanto, verificamos que os sentidos adotados para

esses usos são passíveis de análise, mas ainda precisam de um olhar mais criterioso antes de fazermos quaisquer discussões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

COUTINHO, I. L. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1976.

DISCURSO & GRAMÁTICA. *Apresentação do corpus D&G*. Disponível em: <<http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/>>. Acesso em: 03 nov. 2011.

ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1959.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a Conceptual Framework*. Chicago: The University of Chicago, 1991.

LIMA-HERNANDES, M. C. *Indivíduo, Sociedade e Língua - Cara, Tipo Assim, Fala Sério!* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2011.

LUQUETTI, E. C. F. (Org.). *A língua falada e escrita na região norte-noroeste fluminense*. No prelo 2012.

MARTELOTTA, M. E.; NASCIMENTO, E.; COSTA, S. Gramaticalização e discursivização de assim. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Orgs.). *Gramaticalização e desgramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SILVA, G. M. O.; MACEDO, A. T. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C. MOLLICA, M. C. (Orgs.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

Recebido em 13 de novembro de 2012

Aceito em 9 de dezembro de 2012